



HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Celio Silva Meira

Universidade Católica do Salvador-UCSal

Celeste Dias Amorim

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Resumo: Em nossas escolas, em sua grande maioria, ainda é um tabu a questão da homossexualidade, o que dificulta a denúncia a homofobia e o debate, que por vez causa as mais variadas reações desde surpresa, desconfiança, vergonha, horror, risos ou desdém. Assim, este artigo objetiva refletir sobre a questão da homossexualidade a partir da visão de alunos na sua recepção do tratamento da temática por educadores e pela escola. A pesquisa utilizando a técnica de entrevista foi realizada em três escolas da rede municipal de Poções que atua no Ensino Fundamental II e Médio. Os dados coletados foram trabalhados segundo a abordagem qualitativa. Autores, como Bourdieu, auxiliaram em desmitificação da escola, percebe-se que ela além da construção e transmissão de conhecimento é responsável também pela reprodução de padrões sociais, o que perpetua os valores e a “fabricação sujeitos”, sujeitos disciplinados. Assim, percebe-se que mesmo com avanços ela tem função de construída socialmente de “formar” pessoas, indicando que está a quem de seu verdadeiro papel que é “formar” cidadãos plenos de direitos e livres enquanto pessoas. Salienta-se aqui, que apesar de todos os problemas que a escola tem com o silenciamento no tocante às questões da sexualidade, e outras questões, ainda é nela que mora a esperança de uma sociedade mais justa e igualitária. Mesmo com todas as dificuldades aqui retratadas, a escola permanece como um espaço em que novos padrões podem ser construídos, ou seja, o estabelecimento no/pelo seu interior de novas formas de convivência, de aprendizagem, podem revelar novas formas de produção de conhecimento e transmissão de valores.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Homossexualidade. Homossexual. Sexualidade.

Introdução

Em nossas escolas, em sua grande maioria, ainda é um tabu a questão da homossexualidade, o que dificulta a denúncia à homofobia e o debate, que por vez causa as mais variadas reações desde surpresa, desconfiança, vergonha, horror, risos ou desdém. A ignorância e a intolerância sobre a temática leva a homofobia que incomoda tanto quem a reproduz e principalmente ao homossexual.

A sociedade contemporânea moldada por padrões, em que o seu reflexo identitário ainda seja o branco, o masculino, o heterossexual e o cristão, tem um modelo de escola que reflete esses

“ideais”, que procura no discurso de igualdade, transformar os “diferentes”. Assim, os que não se enquadram são tidos como indesejáveis, pecadores, exóticos. Por isso, nesta sociedade é normal grupos “diferentes” dos padrões serem desprezados, ridicularizados, segregados, expostos a ódio, que por vezes desembocam em violências. Que no caso, dirigidos ao grupo homossexual, denomina-se homofobia. Neste sentido, precisamos de uma educação que não seja focada em padrões fixos que pré-determina grupos, como por exemplo, os heterossexuais. Uma educação que leve em conta a questão sexual enquanto um dos parâmetros da diversidade, mas focalizada no respeito às formas como cada ser humano oriente sua opção sexual, o que do contrário, acaba por produzir culpas por se sentir e ser “diferentes”, tornando pessoas infelizes. Sendo este, o cerne desta pesquisa realizada em escolas municipais de Ensino Fundamental II e Médio, tendo como campo empírico a realidade vivenciada nestas escolas do município de Poções, Bahia.

A escolha das instituições pesquisadas se deu em função do porte e do quantitativo de alunos. Em que, à entrevista foi à técnica de pesquisa selecionada para coleta dos dados primários, ou seja, dos depoimentos de alunos e ex-alunos que assumem suas orientações sexuais e falam abertamente sobre a homossexualidade. No entanto, por se tratar de um tema cheio de tabus, os nomes dos depoentes foram resguardados e substituídos por letras de alfabeto.

Assim, os dados coletados foram trabalhados sob a abordagem de pesquisa qualitativa. Tendo como pergunta norteadora: como a escola, os educadores tratam a questão da homossexualidade?

Neste sentido, o estudo objetivou-se refletir sobre a questão da homossexualidade a partir da visão de alunos na sua recepção do tratamento da temática por educadores e pela escola.

A escola enquanto reprodutora da heteronormatividade

A inclusão é sem sombra de dúvidas uma das questões mais debatidas no campo educacional nos últimos tempos, poisse fala na escola de inclusão para portadores de necessidades especiais, de indígenas, da cultura afro, dos adultos visando a alfabetização, entretanto, a escola silencia-se quanto a reivindicação sobre a sexualidade. Neste caso, a escola se desobriga de

trabalhar a temática, assim, ao invés de incluir, ela própria pode reforçar práticas homofóbicas, às vezes advindas até por ela mesma. Corroborando a pesquisadora Guacira Lopes Louro aponta que:

É importante notar, no entanto que, embora presente em todos os dispositivos da escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indignados/as sobre a questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmações do tipo: ‘em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área’, ‘ou então, nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos’. De algum modo, parece que se deixarem de tratar desses ‘problemas’ a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz [...] (LOURO, 2000, p. 80-81).

Comungando do pensamento da pesquisadora Guacira Lopes Louro, Lucion (2008, p. 4) diz que “é como se, ao adentrar a escola o aluno(a), seria desligado, despido de sua sexualidade, transformando a escola num ambiente assexuado, higienizado de todas as manifestações afetivas”. O que não é bem isso, o aluno traz consigo toda uma bagagem de experiências vividas fora do âmbito escolar, e é impossível fazer essa separação entre vida pessoal e escolar, ambas caminham juntas. Neste sentido, Junqueira (2009, p. 13) diz que:

Ao mesmo tempo em que nós, profissionais da educação, estamos conscientes de que nosso trabalho se relaciona com o quadro dos direitos humanos e pode contribuir para ampliar os seus horizontes, precisamos também reter que estamos ameadados na tessitura de uma trama em que sexismo, homofobia e racismo produzem efeitos e que, apesar de nossas intenções, terminamos muitas vezes por promover sua perpetuação.

Em nossa sociedade, a norma estabelece, historicamente, a posição do homem branco, cristão, heterossexual e que pertença a classe média. E essa passa a ser referência que não precisa mais ser nomeada. Para Pierre Bourdieu o corpo social constrói sujeitos sexuados, ao tempo, em que, estabelece uma verdade, uma visão hierarquizada de mundo. Assim,

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo [...]. A

diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros [...] (BOURDIEU, 1999, p. 20).

Neste caso, os sujeitos sociais serão os "outros" que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência, desta visão de mundo hierarquizada. Desta forma, a mulher é rotulada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000). Todo esse universo, é levado para dentro da escola, em que, os profissionais que atuam com educação, muitas das vezes não sabem ou não querem trabalhar com essa questão.

É muito comum nos diversos ambientes acadêmicos a ocorrência do chamado preconceito velado/camuflado. Este, não se dá de forma explícita, porém, é causador de danos irreparáveis e digo até sinistros em alguns casos. Louro (2000, p.10), com base no discurso foucaultiano, nos afirma que “a escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura”.

O papel transformador e redentor da escola tem sido fortemente desmistificado. Temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimentos, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos, legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Dar-se conta de que o campo da educação se constituiu historicamente como um espaço disciplinador e normalizador é um passo decisivo para se caminhar rumo à desestabilização de suas lógicas e compromissos (JUNQUEIRA, 2009, p. 14).

Conforme aquilata Louro (2000, p.11):

Possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas, sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual.

Em consonância com o pensamento das autoras supracitadas, a escola configura-se enquanto um lugar

de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência e marginalização a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT¹ -Muitos/as dos/as quais vivem, de maneiras distintas, situações extremamente delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autoculpabilização, auto-aversão. E tudo isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado (JUNQUEIRA, 2009, p.15).

O espaço escolaré transformadopara os alunos homossexuais em um "inferno", pois são excluídos ou mesmo ignorados nas atividades em grupo. E como anteriormente relacionado, tornam-se nestes espaços alvos de piadinhas e palavras agressivas, quando não são agredidos fisicamente e moralmente. O que acaba levando muitos a desistirem de seus sonhos, da escola, visto que esta passa a ser um ambiente hostil e inóspito para esses alunos, restando, portanto, a marginalidade social como forma de sobrevivência.

Tendo a escola como um campo social, pode observa-se que ela não é capaz de combater o preconceito contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àqueles que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”(LOURO, 2000, p. 19). Esses comportamentos homofóbicos se fazem presentes todo o tempo dentro da escola, “orquestrados pela heteronormatividade, os processos de construção de sujeitos compulsoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da homossexualidade” (LOURO,1999 apud LOPES; SANTOS; SANTOS, 2011, p. 1).

Nesta caso, a escola para Louro (2000, p. 20-21),

é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém "assuma" sua condição de homossexual ou bissexual. Coma suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo — inato a todos —deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito pouco oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou

¹ Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LOUREIRO, 2008)

vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância.

“Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2000, p. 21). Neste caso, prevalece ainda, no cotidiano escolar, um arsenal heteronormativo, onde há uma binarização de papéis, composto por discursos, significados, representações e adoções de práticas, ou seja, o que cabe a menino e o que cabe a menina, sendo que estes papéis nunca podem ser invertidos. O que Sabino (2000 apud JUNQUEIRA, 2009, p. 20) chamaria de o “homem de verdade”.

A masculinidade hegemônica se constitui, então, como um modelo ideal, praticamente irrealizável, que subordina outras possíveis variedades de masculinidade exerce um efeito controlador no processo de constituição de identidades masculinas (ALMEIDA, 1995 apud JUNQUEIRA, 2009, p. 20).

Este universo rígido há um modelo específico de masculinidade a ser duramente conquistado por aqueles que destoam do modelo socialmente construído por uma sociedade heteronormativa pagará um preço por isso.

Homofobia e estudantes LGBT

"Assumir" a condição de homossexual ou de bissexual nos dias atuais é um ato político, um ato que poderá ser cobrado um alto preço, o da estigmatização (LOURO, 2000, p. 21). Expressões como: “*veadinho*”, “*bichinha*”, “*mulherzinha*”, “*tome vergonha na cara*”, “*aprenda a ser homem*”, dentre outras mais bizarras ainda fazem parte do cotidiano na vida de muitas crianças e jovens dentro das nossas escolas, além, destes ficar marcado para sempre em suas memórias às lembranças de um passado de torturas e humilhação.

Junqueira (2009, p. 24) nos lembra de que:

embora produza efeitos sobre todo o alunado, é mais plausível supor que a homofobia incida mais fortemente nas trajetórias educacionais e formativas e nas possibilidades de inserção de jovens que estejam vivenciando processos de construção identitária sexual e de gênero que os situam à margem ‘normalidade’. É difícil negar que a homofobia na escola exerce um efeito de privação de direitos sobre cada um desses jovens [...] afeta-lhes o bem-estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes com profissionais da educação [...]; interfere nas expectativas quanto ao sucesso e ao rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; estimula a simulação para ocultar a diferença [...] ; gera desinteresse pela escola; produz distorções idade-série, abandono e evasão; prejudica a inserção no mercado de trabalho; enseja uma visibilidade distorcida; vulnerabiliza física e psicologicamente, afeta a construção da autoestima [...] (JUNQUEIRA, 2009, p. 24).

Inevitavelmente, os casos mais gritantes de exclusão social e, sobretudo, a escolar têm sido experienciado “por travestis e transexuais, que têm, na maioria dos casos, suas possibilidades de inserção social seriamente comprometidas por verem-se privadas do acolhimento afetivo em face às suas experiências de expulsões e abandonos por parte de seus familiares e amigos” (JUNQUEIRA, 2009, p. 25), além da exclusão gerada dentro do ambiente escolar, quando estes resolvem procurar a escola, é como se a escola não fosse feita para “esse tipo de gente”, como muitos costumam chamar. Isto é visto em um depoimento de um ex-aluno em uma de nossas entrevistas:

Quando eu me assumi, eu estava na quinta série, quase todos os meus colegas faziam ‘gazações’ de mim, principalmente os meninos. As meninas sempre me defendiam, afinal eu era bem em Matemática e elas precisavam de mim quando era pra fazer provas em dupla. Um dia uma professora levou uma tesoura para escola para cortar minhas unhas que eram enormes e fez isso na sala de aula na vista de todos os meus colegas, neste dia eu não sossego de tanto os meus colegas e demais alunos de outras salas fazerem chacotas com a minha cara (Depoente A, mar. 2017).

Ao analisar este depoimento, percebemos o quanto a escola e seu quadro professores e colaboradores não estão preparados para lidar com a questão da sexualidade de seus alunos, além deste despreparo, tem-se educadores que querem moldar os alunos dentro de um modelo heteronormativo. Assim, no cotidiano das escolas, muitos alunos enfrentam obstáculos para se manterem e conseguir que suas identidades sejam minimamente respeitadas e preservada sua integridade física.

Durante anos, todo o ensino fundamental eu não frequentava o banheiro, pois quando fui pela primeira vez ainda na quarta série, um garoto do primeiro ano do ensino médio queria me bater dentro do banheiro. Ou então ficavam vários garotos na porta gritando ‘saia daí mulherzinha’, aquilo era apavorante para mim, diziam sempre; que eu deveria frequentar o banheiro das meninas ou então construir um banheiro para veado usar. Apenas quando cheguei no ensino médio é que comecei a enfrentar meus colegas e passei a usar o banheiro normalmente (Depoente B, mar. 2017).

Faz-se importante ressaltar, que a homofobia, seja em qualquer circunstância é um promotor de injustiça e sofrimento. Neste caso, desde as instalações físicas (banheiros, quadra de esporte) passando pelas humilhações nos corredores e salas de aula, ela deixa traumas incorrigíveis por toda a vida de uma pessoa.

Durante as entrevistas um fato nos chamou bastante atenção, que seria a necessidade destes estudantes, seja por eles ou a eles imbuído, de apresentarem um desempenho escolar acima da média, ou mesmo, irrepreensível. Isto pode ser observado no fragmento de entrevista com um professor, em que ele nos relata:

Ao longo da minha vida sempre assumi abertamente a minha orientação sexual, enfrentei tudo e todos para chegar até onde cheguei, quando uma porta se fechava para mim eu procurava arromba-la e entrar, ou pulava a janela, mas nunca desisti dos meus sonhos. Sempre fui muito bom aluno. Na escola todos da minha sala sempre dependia de mim em alguma disciplina, trabalhos escolares etc. Dentro de mim, havia uma necessidade gritante em ser o melhor em tudo que eu viesse a fazer, pois assim na minha cabeça eu seria aceito por todos, apesar de ser gay, aquilo foi tomando uma dimensão tão grande que chegou um dia que eu não suportava mais tanta cobrança para que eu fosse sempre o melhor. As pessoas só me suportavam, creio eu, porque eu sabia fazer tudo bem feito. Eu tinha muito medo de errar, de não dar conta das coisas. Isso tudo me causou um stress muito grande na vida adulta, passei a ter gastrite, dores de cabeça constante, em fim, fiquei hipertenso (Depoente C, abr. 2017).

O relato do Depoente C, nos remete a obra *A experiência Homossexual* de Castañeda(2007), em que ela discute justamente o esforço ao máximo do homossexual para ser o “melhor” em tudo, como uma forma de alcançar o aceite social, uma vez que, nem sempre o ser humano consegue:

Trata-se, em suma, de esforços para angariar um salvo-conduto que possibilite uma inclusão (consentida) em um ambiente hostil. Uma frágil acolhida, geralmente traduzida em algo como: ‘É gay, mas é gente fina’, que pode ser, sem dificuldade e a qualquer momento, se reverter em ‘É gente fina, mas é gay’. E aí, o intruso é arremetido de volta ao limbo. [...] essa frenética busca de ‘supercompensação’-fonte de ansiedade, autocobrança e perfeccionismo exagerados- não impede que qualquer insucesso do candidato seja logo traduzido como sinal inequívoco de seu ‘defeito homossexual’. ‘Só podia ser gay’!; ‘é assim que eles são!’ (CASTAÑEDA, 2007, p. 152-153).

Outro traço nítido de homofobia dentro e fora da escola se expressa na indiferença para com aqueles que assumem ser gays. É o que nos relata um dos depoentes:

Uma vez houve uma comemoração em homenagem ao dia das mães na escola e eu havia combinado com a diretora que eu ia ler uma mensagem de agradecimento, quando chegou na hora, um professor tomou a mensagem da minha mão e deu para um outro menino ler, todos ficaram depois dizendo que eu não li a mensagem porque minha voz era de ‘veadinho’, parecia voz de mulher e eu fui pra casa e chorei muito naquela noite, tanto que minha mãe me perguntou o que estava acontecendo e eu respondi que estava com dor de cabeça e pronto. Uma outra situação que eu vivi na escola foi durante uma aula de Educação Física, onde o professor queria que eu jogasse bola com os meninos e eu disse que não queria, ele prontamente respondeu que tanto fazia eu jogar como não, pois eu e nada era a mesma coisa, ‘o que esse fresco sabe de futebol?’, disse o professor e me tirou na hora do time e colocou pra fora da quadra (Depoente D, jun. 2017).

Louro (2000) nos remete a questão citada pelo Depoente D e nos mostra que na visão heteronormativa, a homossexualidade é vista, muitas vezes, por alguns grupos homofóbicos como se fosse “contagiosa”, criando uma resistência em demonstrar afinidade para com pessoas homossexuais, neste caso, uma possível aproximação de amizade poderá ser interpretada pelos demais como uma aderência ao homossexualismo, tornando-se “uma proibição socialmente sancionada que, entre outras coisas, contribui para fortalecer os processos de internalização da homofobia” (JUNQUEIRA, 2009, p.27). Essa prática dentro das escolas é muito comum acontecer, onde jovens homossexuais acabam se isolando socialmente dos demais, geralmente no fundo da sala e quando este quer se expressar em algum momento das aulas é achincalhado pelos demais.

[...] Consiste numa atitude de distanciamento, na qual a hostilidade ou o vivido persecutório são substituídos pela *desqualificação do sujeito como ser moral*. [...] significa não vê-lo como um agente autônomo [...] um parceiro [...] ou, por fim, como alguém que deve ser respeitado em sua integridade física e moral. [...]. No estado de alheamento, o agente da violência não tem consciência da qualidade violenta de seus atos (COSTA, 1997 *apud* JUNQUEIRA, 2009, p. 28, grifo do autor).

A falta de apoio por parte da equipe de profissionais (professores, direção, merendeiras, agentes de portaria etc.) que atuam na escola diante das mais corriqueiras cenas de violência contra alunos LGBT “fortalece” os agressores e os tornam cúmplices, pois, além de encorajá-los a continuarem a produzir tais barbáries achando que é “normal” agredir e violentar as pessoas que se portam de outra forma, diferente da norma socialmente estabelecida.

A homofobia para além da escola

Percebemos nas últimas décadas que apesar de retrocessos algumas ações que visam combater **a problemática da homofobia dentro** e fora do ambiente escolar. No âmbito escolar, segundo Junqueira (2009, p. 14, grifo nosso) a partir de Bourdieu tem-se uma desmitificação da escola, em que ela “não apenas transmite e constrói conhecimento, mas também reproduz padrões sociais, perpetuando valores e ‘fabricando sujeitos’”.

Segundo Santos (2012) um assunto que causou muita polêmica na sociedade brasileira foi o “kit gay” do Governo Federal no mandato da presidenta Dilma Rousseff, o qual consistia num suposto material composto por vídeos, boletins e cartilhas a serem distribuídos nas escolas públicas destinando ao combate da homofobia. O kit a princípio teria sua distribuição em 2010, mas não aconteceu, sendo definitivamente cancelado em 25 de maio de 2011, sob justificativa de rebelião que a bancada evangélica e católica do Congresso ameaçou fazer, caso os kits fossem entregues nas escolas. Assim, os alunos ficaram sem o kit de combate a homofobia, no entanto, não foi criado nenhum projeto em substituição para orientar os alunos a respeito da sexualidade e homossexualidade. Com isso, percebe-se o quanto a nossa sociedade ainda é preconceituosa em se tratando temas relativos à educação sexual.

Ao proibir o uso do tal kit nas unidades escolares por questões meramente religiosas, estamos aceitando e com isto incentivando o aumento da violência contra as minorias sexuais. Pois, uma sociedade o respeito ao “diferente” só ocorre quando é devidamente informada e a escola tem por excelência essa função de quebrar as barreiras do preconceito, favorecendo a formação de uma sociedade mais justa e igualitária à todos os seus membros. Diante o exposto a escola é segundo Guacira Lopes Louro,

[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo-inato a todos- deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2000, p. 30).

Este ponto de desconhecimento e ignorância ocorre pelo fato de que quase ou nenhum material didático escolar vem a contribuir para a amenização ou erradicação de situações de homofobia nos ambientes escolares. Pouquíssimos ou nenhum livro didático traz no seu interior discursões acerca desta questão, há uma invisibilidade do tema, como se ele não existisse dentro de nossa sociedade e muito menos, dentro das nossas unidades escolares. “A escola se nega a perceber e a reconhecer as diferenças de públicos, mostrando-se ‘indiferente ao diferente’” (JUNQUEIRA, 2009, p. 30). Nas nossas aulas cotidianas, muitos dos nossos professores “costumam dirigir-se a seus grupos de estudantes como se jamais houvesse ali um gay, uma lésbica” (JUNQUEIRA, 2009, p. 30), uma travestir etc. chegando ao cúmulo, destes “ditos educadores ”por expor seu preconceito fazerem “piadinhas” homofóbicas, para se tornar mais agradáveis aos seus alunos.

Impera, nesse caso, o princípio da heterossexualidade presumida, que faz crer que não haja homossexuais em um determinado ambiente (ou, se houver, deverá ser “coisa passageira”, que “se resolverá quando ele/ela encontrar a pessoa certa”). A presunção de heterossexualidade enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento das homossexualidades como maneiras legítimas de se viver e se expressar afetiva e sexualmente (BECKER, 2005, p. 55).

A promoção da exclusão de pessoas por ter uma orientação sexual que não está rotulada socialmente acaba levando a situações desumanizantes dentro da sociedade, fazendo com que sejam marginalizadas e trazendo-lhes a invisibilidade social. Pode-se verificar que ainda existe preconceito contra as pessoas que vão em caminhos inversos do que a sociedade coloca como padrão. Nos depoimentos, alguns preconceitos muito explícitos, declarando homossexualidade como algo nojento, enquanto outros apenas se colocando totalmente alheios ao assunto, em um preconceito revestido de indiferença. O heterossexual tem um olhar ainda carregado de certo preconceito para com o homossexual, “não existe uma total aceitação no convívio diário com uma pessoa que se declare *gay*, a maioria não se importa com a orientação homossexual de outrem, desde que, este viva sua sexualidade fora do convívio dos ditos homens e mulheres *normais*” (SANTOS, 2012, p. 15, grifo nosso).

À guisa de uma conclusão

Contemporaneamente nos voltamos à compreensão sobre a complexa questão de gênero, a qual Foucault (1988, p.09, grifo nosso) nos traz uma maneira diferente de nos posicionar sobre a sexualidade humana quando afirma que as “*sexualidades são socialmente construídas*”. Em consequente, Simone de Beauvoir (1967, p. 09) em sua obra *O Segundo Sexo* nos chama atenção para a sua celebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se”. A autora, ainda, acrescenta:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; na medida em

que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita desejos sexuais e esses desejos são preensivos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, emburramento, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos (BEAUVOIR, 1967, p. 09-10).

O colonialismo de linguagem imposto pelos pensamentos ainda enraizados nos séculos XVI, XVII e XVIII, que dividia o mundo em masculino e feminino ainda perpetua nos dias atuais. Urge a necessidade de uma compreensão de que a sexualidade vai muito além da simples questão pregada pelas ideias religiosas que é a reprodução da espécie humana. É possível pensar novas relações que a não binariedade a partir de linguagens, de falas, textos, definições que foram engendradas, criadas por uma sociedade que quer a todo custo manter a ideia do binário e quando alguém ousa pensar fora deste contexto historicamente emergido no sistema colonizador de pensamento, passa a ser condenado pelo sistema social.

Neste caso, o ciclo social em você já nasce imerso e que mantém e reforma o sistema colonizador que te classifica, te rotula e te define desta ou daquela forma, não te dar a possibilidade de pensar, de agir e de criar suas próprias convicções. Assim, nos perguntamos, e a escola, que papel desempenha enquanto formadora de opinião e de sujeitos? Percebemos que esta instituição tem a função de construída socialmente de “formar” pessoas, indicando que está a quem de seu verdadeiro papel que é “formar” cidadãos plenos de direitos e livres enquanto pessoas. Livres, inclusive para viver sua sexualidade sem ter que seguir binarismos impostos por modelos sociais heteronormativos.

Neste caso, sendo a professora Viviane Melo de Mendonça da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) em entrevista a repórter Camila Boehm da *Agência Brasil*, quando se discute uma educação voltada para a diversidade não é, em nenhum momento, “uma doutrinação capaz de converter as pessoas à homossexualidade, como se isso fosse possível. O objetivo é criarmos condições dentro das escolas para que professores e alunos possam aprender e ensinar o convívio com as diferenças que naturalmente existem entre todos” (BOEHM, 2016, s.p.), ao invés de promover e legitimar as desigualdades por meio da dissimulação das bases sociais. Corroborando, Nogueira e Nogueira (2002, p. 34), apontam que “a partir de Bourdieu, tornou-se praticamente

impossível analisar as desigualdades escolares, simplesmente, como frutos das diferenças naturais entre os indivíduos”.

Quando se propõe a inclusão nos currículos dos estudos de gênero e sexualidade é porque se pensa que eles podem contribuir com o questionamento desta temática e que vai auxiliar e nortear ações desenvolvidas na escola, como a professora Viviane Melo de Mendonça aponta “em uma perspectiva da educação para diversidade e, desse modo, para uma educação que combata a discriminação e preconceitos, as violências de gênero, violência contra mulher e a violência homo, lesbo e transfóbica” (BOEHM, 2016, s.p.).

Salienta-se aqui, que mesmo com todos os problemas, a escola tem com o silenciamento no tocante às questões da sexualidade, e outras questões, ainda é nela que mora a esperança de uma sociedade que se constitua pela justiça e igualdade. Ao tempo em que, evidencia-se que com todas as dificuldades aqui retratadas, a escola permanece como um espaço em que novos padrões podem ser construídos, ou seja, o estabelecimento no/pelo seu interior de novas formas de convivência, de aprendizagem, podem revelar novas formas de produção de conhecimento e transmissão de valores. Especialmente, se forem abolidas as práticas que geram a discriminações, o preconceitos, e violências que levam a práticas de estigmatização de grupos que promovem o racismo, o sexíssimo, homofóbismo entre outros males sociais.

Referências

ASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**. São Paulo: A Girafa, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BECKER, Simone. A visibilidade lésbica como produtora de direitos. **Sexualidade, gênero e sociedade**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 23/24/25, out. 2005.

BOEHM, Camila. Pesquisa mostra que discriminação contra homossexuais está presente em escolas. **Agência Brasil**, São Paulo, 25 mar. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/pesquisa-mostra-que-discriminacao-contra-homossexuais-esta-presente-em>>. Acesso em: 15 maio 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2009. p. 13-51.

LOPES, Gabriellen dos Santos; SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos; SANTOS, Dalvani de Brito. **Homofobia na escola: qual o fim dessa história?** In: SEMINÁRIO NACIONAL “GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: OLHARES DIVEROS SOBRE A DIFERENÇA, 3., 2011. Anais ... João Pessoa, PB, 2011.

LOUREIRO, Cláudia. Mudança na sigla GLBT para LGBT divide comunidade gay. **G1**, Rio de Janeiro, 12 jun. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL597188-5606,00-MUDANCA+DE+SIGLA+DE+GLBT+PARA+LGBT+DIVIDE+COMUNIDADE+GAY.html>>. Acesso em: 15 maio 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCION, Célio. **Homofobia na escola pública**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/981-4.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.**, v. 23, n. 78, p.15-35, 2002. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>.

NOLASCO, Sócrates Álvares. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SANTOS, Vanessa dos. Homossexualidade no ambiente escolar. **Ensino de Sociologia em Debate**. Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL, 2. ed., v. 1, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2012. <www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/.../VANESSA%20SANTOS%20-%20ORIENT.%20C...>. Acesso em: 20 maio 2017.